

A TV além da sala de aula

Canal Futura enfrenta o desafio de fazer televisão educativa sem cair na chatice didática

Gonçalo Júnior
de São Paulo

Programa educativo na tevê, não raro, é sinônimo de chatice. No caso do Brasil, nas três últimas décadas, poucas exceções confirmaram as potencialidades da telinha como instrumento eficaz para educar ou mesmo despertar o interesse do telespectador em ampliar seus conhecimentos – científicos ou profissionais. Num primeiro momento, nos anos 70, chegou-se a experiências bem-sucedidas como o importado “Vila Sésamo” e o “Sítio do Pica Pau Amarelo” – ambos dirigidos às crianças. Menor aceitação tiveram documentários sobre animais e plantas, como o sonolento “Mundo Animal”. Nem mesmo o êxito obtido com “Globo Ciência” e “Globo Ecologia”, na década de 90, sinalizaram uma fórmula capaz de deslanchar a educação via tevê. Explica-se. Apesar do fascínio óbvio da imagem e de sua sobreposição em relação ao texto, não tem sido fácil adequar essa forma de comunicação ao gosto do brasileiro – por mais que se tentem espelhar os exemplos de fora, principalmente de emissoras européias.

A estratégia montada pela TV Futura – o Canal do Conhecimento, que entrou no ar este mês –, ao tentar supervisionar os recursos da telinha apoiando-se numa rigorosa referência ao gosto de seu público alvo, pode ser a indicação de um caminho a ser seguido. Linguagem televisiva à parte, sobram boas idéias na grade da emissora, como programas sobre formação profissional, que inclui cursos, concursos, notícias do mercado de trabalho, orientações detalhadas para aperfeiçoar mão-de-obra e até dicas de como descobrir nova profissão. Sexualidade e drogas também são prioridade na programação da Futura. Outras atrações

são os serviços com informações necessárias ao dia-a-dia do telespectador, atualização de educadores, programas infantis, game-shows e debates a partir da exibição de filmes e documentários.

Desafio

Tudo foi definido a partir de estudos anteriores e de duas pesquisas que identificaram os temas de maior interesse do público alvo. Seguindo essa orientação, o telespectador começa a ter alguns diferenciais em relação às tevês comerciais. É possível até anotar as informações que aparecem na tela, uma vez que a exposição aqui é maior – uma antiga queixa do telespectador com menor grau de instrução. “Com isso, apoiamos o áudio com a palavra

escrita”, observa Vilma Guimarães, gerente de mobilização comunitária da Fundação Roberto Marinho e coordenadora do projeto, que tem o patrocínio de 14 empresas. Até aí, nada de excepcional. As tevês educativas também fazem algo semelhante à parte da grade anunciada. “A televisão educativa tem tentado de forma desastrosa reproduzir a sala de aula e a televisão não pode ser rádio ou querer ser simpática com discurso acadêmico”, avalia Vilma Guimarães.

Como modelo de novidades, a emissora passa a transmitir a partir desta segunda-feira 24 horas por dia e colocou no ar esta semana outra atração interessante: as sofisticadas adaptações literárias para minisséries de te-

vê realizadas pela Rede Globo. Com uma diferença. Em vez de comerciais, o espaço entre os blocos será ocupado com “making of” da série, curiosidades sobre o livro que deu origem ao programa, dados biográficos do autor e entrevistas com os atores sobre sua experiência na representação das personagens. Como explica Mônica Dias Pinto, gerente de Conteúdo e Avaliação da Futura, pretende-se, desse modo, prender a atenção do espectador durante a mostra de uma atração cujo resultado é certo quanto à audiência, de modo a não irritá-lo. O primeiro programa é “Memorial de Maria Moura”, de Rachel de Queiroz, com Glória Pires. Em seguida, virão “O Tempo e O Vento”, de Érico Veríssimo,

mo, e “Agosto”, de Rubem Fonseca. O desafio da Futura é complexo: de que forma criar produtos eficientes no diálogo com a diversidade de público da televisão, de qualidade e prazerosos, e que não repitam a situação de uma limitada sala de aula? os recursos também são limitados – R\$ 14 milhões por ano. Ao mesmo tempo, por ironia, um obstáculo para o Canal do Conhecimento está no acesso ao sinal. A emissora está sendo levada ao ar via televisão a cabo e digital (miniparabólicas) e deve ser ampliada para antenas parabólicas comuns. Mas o universo de alcance não é muito promissor. Cinquenta cidades são atendidas e, quando estiver sendo sintonizada via parabólica convencional, vai alcançar

quatro milhões de lares – uma parcela com, no mínimo, poder aquisitivo suficiente para comprar o equipamento eletrônico necessário.

A principal estratégia para divulgar sua programação e suprir essa limitação está na chamada mobilização comunitária, anunciada como um dos seus diferenciais. A proposta da emissora é fazer programas com linguagem bastante coloquial, garantindo especificidade de linguagem. A grade de programação é horizontal – com horários e dias estabelecidos. Mas pode ser bruscamente interrompida para uma atração esporádica – o chamado dia-tema. Em determinadas datas, toda a programação é substituída pela comemoração do dia. Foi assim no último dia 4, quando se festejaram os 40 anos do primeiro voo no espaço. E será no Dia Nacional da Cultura e da Ciência (5 de novembro) e Dia Mundial de Luta contra a Aids (1º de dezembro).

Atuação

O projeto da TV Futura surgiu da idéia de que a educação é o caminho para o desenvolvimento do País. Concluiu-se que, sem iniciativas desse porte, as deficiências no nível de escolaridade poderão comprometer a competitividade da economia. Cada uma das empresas patrocinadoras se comprometeu a contribuir com cota anual de R\$ 1 milhão, ao longo de cinco anos. De seu lado, o canal vai priorizar uma atuação intensiva, buscando-se sensibilizar o público sobre sua programação, discutindo-a em escolas, creches, sindicatos, igrejas, empresas, hospitais, bibliotecas, penitenciárias e associações comunitárias, atendendo a pessoas com graus de instrução e interesses distintos. A tarefa é difícil, mas a proposta pode ser saudada como uma possibilidade de fazer uma televisão curiosamente democrática. ■